

# Instantes Cruzados

## Episódio 3

A Fotografia e a Revolução de Costumes

Fotografia Joel Maia

Fotógrafa convidada: Ana Carolina Fernandes

Direção Sergio Bloch  
Roteiro Betânia Furtado  
Apresentação Milton Guran  
Produção Ocean Films

MILTON GURAN, em primeiro plano, fala para câmera.

GURAN: A fotografia, primeira imagem técnica que surgiu, transformou o mundo. Hoje, que vivemos na civilização da imagem, é difícil pensar que há pouco mais de 150 anos, nada disso existia. No nosso programa nós selecionamos, para cada episódio, uma imagem emblemática da história do Brasil e convidamos um fotógrafo para se inspirar nela. Vamos juntos viver a magia da fotografia e do fazer fotográfico.

[Sala]

GURAN: O programa de hoje gira em torno de uma única foto. Uma imagem que se tornou icônica, porque representa a liberdade da mulher em escolher o seu destino, a liberdade dos jovens, a liberdade de viver como se quer viver, enfim, liberdade. E isso em plena ditadura militar. Para conversar sobre essa foto, sobre liberdade, sobre o movimento de mulheres e sobre o fotojornalismo, nós convidamos Ana Carolina Fernandes.

Ana Carolina passou pela escola de Artes Visuais e ao 20 anos adentrou o gramado como repórter do jornal O Globo. Esse testemunho visual tem uma dedicatória atrás. "Ana Carolina entrou pela primeira vez no Maracanã e já fez das suas, logo que pisou no gramado foi caindo, e eu registrei o fato que um dia vai ter muito valor no futuro. - Evandro Teixeira". Então Ana Carolina, como foi esse dia?

ANA: Eu era uma apaixonada por futebol, absolutamente apaixonada por futebol. Fui ser estagiária do jornal O Globo e eu queria ir para o Maracanã, queria fotografar o Maracanã. Eu pedia para ir, não me deixavam, e um dia o Filô disse: "ela vai comigo, ela vai, ela vai." E eu fui.

E quando eu passava, porque entrava, tinha que ir para trás do gol, e no intervalo passava para deixar o filme, então a torcida gritava: "gostosa, gostosa" e algumas vezes até "piranha". Os tempos eram outros, não eram tão politicamente corretos. Era uma brincadeira, uma brincadeira de torcida ali com os fotógrafos.

GURAN: Do Globo você passou pro Jornal do Brasil, você passou pela Folha, pelo Estado. Na Folha você ganhou dois prêmios e aí você foi evoluindo, foi avançando, no sentido de produzir grandes documentações.

ANA: Eu sempre fui uma apaixonada pelo fotojornalismo. Eu gostava do chamado "hard news", tá ali na rua, no front, muitas vezes sem comer, sem água, no calor, no vento, na poeira. Eu via grande fotodocumentaristas mas eu sempre pensei que a minha primeira dificuldade seria encontrar um tema, um tema que valesse a pena, um desenvolvimento maior que nunca tivesse talvez sido feito da maneira que eu faria. E eu tinha uma amiga que era travesti, a Luana. A gente se encontrou, a gente foi tomar um café e a gente ficou conversando, e eu falei para ela: "Luana, eu não tenho o menor interesse naquele tipo de foto que eu vejo muito de travesti, que é uma foto roubada, travesti armando algum programa na janela de um carro. O que eu queria era o cotidiano delas. E a Luana falou "eu sou a dona da casa onde elas mora, 25 travestis moram, você tem livre acesso." Isso foi sensacional, era tudo que eu queria.

GURAN: Essa é a grande diferença do fotojornalismo para fotodocumentação. O fotojornalismo é o travesti na janela do carro, é aquilo que é notícia. E a foto documentação é você conviver com aquela situação, destrinchar aquele fato, vivenciar ele e traduzir isso em imagem. Vamos ver as suas imagens?

ANA: Vamos ver.

GURAN: Vamos começar por esse World Atlas of Street Photography. Aonde entra o seu trabalho das travestis, um belo ensaio. Você apresenta bem a contradição entre o masculino, de barba por fazer, os seios. Na Piauí tem mais, é uma sessão portfólio, "Corpos da Lapa". Essa edição da Piauí é uma das melhores edições de fotografia que apareceram por aí. Essa coisa incrível. A Cinderela, a sensualidade.

ANA: Essa aqui foi uma negociação, ela não queria que eu fotografasse. Um dia ela deixou, porque eu vivia tanto

lá.

GURAN: Me diz uma coisa, você é feminista?

ANA: Guran, eu não sou uma feminista militante, digamos assim, ativista, eu não levanto bandeiras. Mas minhas fotos militam por mim. Esse trabalho das travestis é um trabalho de militância. É um trabalho que foi muito importante. A Luana vive me dizendo isso. Isso abriu discussões em torno de tolerância.

GURAN: É por essas e outras que nós lhe convidamos para esse programa. Então eu vou te mostrar a imagem, a tal imagem que provocou uma revolução de costume e nós vamos conversar sobre isso.

ANA: Curiosa.

GURAN: Eis a foto. Leila Diniz em Paquetá, fotografada por Joel Maia de última hora. Tava lá com Maria Helena Malta, numa época em que as grávidas iam à praia com uma cortininha na frente da barriga. E a gente tem que lembrar que nós estávamos em plena ditadura militar e que o jornal de oposição era o Pasquim e Leila tinha dado aquela famosa entrevista dos 72 palavrões.

[Corredor]

ANA: Eu gostaria de fazer alguma coisa que mostrasse como ainda existe um abismo, como ainda existe um preconceito, intolerância, com coisas cotidianas que é uma barriga grávida de fora, linda, maravilhosa. Uma cena poética.

[intervalo]

[rua]

ANA: To com muita saudade da Luana.

AMIGA: Eu também.

ANA: Nossa, ela faz muita falta na sua vida. Imagino que na sua também.

AMIGA: "Travesti não é bagunça." Realmente não é bagunça. A gente não é um guarda-roupa arrumado que você vai chegar e bagunçar. Fazer o que você quiser, a gente não é assim. A gente é ser humano. A gente convive no meio da sociedade, a gente é a sociedade. Então não é porque a gente tem a fisionomia diferente, a gente tem um caráter

diferente, a gente tem uma atitude que a maioria da sociedade não tem, que a gente vai ser bagunçada.

ANA: A frase, o bordão da Luana, ficou.

AMIGA: Travesti não é bagunça.

ANA: Lindo, né, o bondinho no peito dela.

AMIGA: Faz parte da nossa casa.

[casa Luana]

ANA: Passei momentos aqui muito felizes.

AMIGA: A escada da felicidade.

ANA: Difícil chegar aqui sem a Luana. Me dá uma saudade.

AMIGA: Aqui a gente chegava

ANA: Posso fazer uma foto sua? Tudo bom? Eu to sumida porque eu to meio de luto.

AMIGA: Ó, os quadros. São todos da Luana. Então aqui é a muralha de fotos da vida artística e social de Luana Muniz. Tem foto dela na Lapa, tem foto delas em concurso, tem foto delas em outros países, você chega aqui e você sente a energia dela na casa. Era um ser humano maravilhoso, era um ser humano inconfundível compulsivamente humanitário. Eu vim a primeira vez de noite, quem me recebeu foi a Cris. Ai vim de dia cheguei de manhã tava ela e Cris, me receberam. Ai foi que eu vim para cá e desde então não voltei mais. Fiquei aqui por aqui mesmo pela Lapa.

ANA: Que linda, ein. Vem, pode vim, só fazer você andando aqui. `Brigada.

AMIGA: Ó, essa aqui é uma das meninas mais antigas que tem na casa.

ANA: Onde ta a tiazinha?

AMIGA: Aqui ó.

ANA: Ah, uau. Nossa que gata que cê ta, querida. Cê ta linda ein, uau.

Vem mais pra cá na luz aqui, vem andando um pouquinho aqui para frente, isso. Linda! Tiazinha ta em uma das

fotos mais bonitas do meu trabalho e aqui ó ela é muito top.

Tenho uma ligação com elas para sempre, eu acho, porque foi um trabalho de muita cumplicidade e de muita confiança e muita verdade e que eu fiz com extremo amor assim sabe. Então quando agora a Cris deixar eu vir aqui euvou estar aqui com as meninas fazendo tudo para poder mostrar essa dignidade delas essa beleza essa sensualidade e essa feminilidade e essas mulheres maravilhosas que elas são.

[casa Maria Helena]

ANA: Bom Maria Helena, o meu desafio é fazer uma releitura dessa foto icônica aqui da Leila Diniz que você fez a matéria.

HELENA: Essa foto belíssima que é do Joel Maia. A Leila era minha amiga de infância mais ou menos, porque eu era garota e ela era um bocadinho mais. Era nossa musa porque já fumava, já tinha namorado. Quando a gente soube que a Leila estava usando biquíni grávida é claro que despertou a ideia de fazer a matéria, porque era uma mãe, era uma estrela e, além de tudo como sempre, ela era diferente, à frente.

ANA: À frente do tempo.

HELENA: Sempre à frente do seu tempo totalmente. Isso assustava as pessoas, mas eu tenho ao mesmo tempo, imagino eu, fascinava né. Enfim, matéria aprovada, nós pegamos a barca para Paquetá, bem de manhã cedo fomos para praia e o Joel fez um rolo de fotos maravilhosas. Quando começaram as homenagens comemorações dos 10 anos da morte você vê que tá aqui é o mesmo filme e você vê aqui atrás o cenário não inclui as Cagarras, não se trata de Ipanema, se trata de Paquetá mesmo e ela ganhou então 10 anos depois de morta uma matéria longa com mil fotos coloridas e tal.

ANA: Ela era feminista, a Leila?

HELENA: Eu acho que do jeito que a gente rotulava ela nunca foi. O que nós tínhamos, que eu acho que a Leila tinha no coração, quando ela botava um biquíni grávida, era o ideal é o senso de igualdade, fraternidade e liberdade.

[casa de Janaína]

ANA: Linda. Veio da Paraíba a quanto tempo?

?: Eu saí da Paraíba com 21 anos. Fui pra Bahia né, aí eu demorei 6, dei uma passada em Buenos Aires, um ano em Recife. Cheguei no rio há 3 anos e meio. Eu venho muito querendo me aproximar mais de uma luta feminista mais perto das mulheres. Das mulheres negras especialmente. E aí chego aqui encontro também as mulheres trans.

ANA: E as mulheres negras e trans

?: As mulheres negras e trans.

ANA: reconhece essa voz?

?: eu conheço essa foto.

Eu acho ela super bonita. Quando a Leila vai na praia assim é a estética da existência dela, ela tá ali vivendo essa existência que é capaz de causar uma ruptura. A gente além de existir e toma conta do nosso corpo eu acho que a gente está aprendendo a se juntar mais, entender que isso é um problema que atravessa a nós todos de modos muito diferentes e aí eu fiquei pensando nisso, nossa, é tanta mulher, é tanta Leila.

ANA: Você acha que a gente poderia então fazer uma expressão somos todas Leila?

?: Eu tenho dificuldade com essa esse conjunto nós sempre. Se a gente for observar quais são as pautas majoritárias, e que são entendidas como universais da luta feminista, até no Brasil hoje, né a gente vai lutar pela descriminalização do aborto. Elas não necessariamente inclui faltas específicas das mulheres negras que por exemplo estão lutando para manter em seus filhos vivos. É completamente diferente né mulher branca fazendo isso mulher branca como a Leila, é privilegiada né e enfim que tinha condições materiais. uma mulher negra fazendo isso não é naquele mesmo momento como é que seria. uma mulher trans tirando a roupa na praia fazendo topless na praia hoje né. então assim eu acho que "somos todos" ele sempre serve como uma demonstração de empatia mas que é importante que a gente note o que tem dentro desses "nós", tem sempre alguém que está ali sendo subtraído né.

ANA: E o mexeu com uma, mexeu com todas?

?: Mexeu com uma mexeu com todas, sim.

ANA: É legal né.

[intervalo]

[rua]

ANA: Tudo bom? Como é seu nome? Vou fotografar aqui a Mel. Conhece?

[casa da Mel]

ANA: Oi Mel, Bom dia.

MEL: Bom dia.

ANA: Tudo bem? Como vai Benjamin?

MEL: Ta ótimo.

ANA: Ai que bom.

Ah, lindo. Perfeito. Uau.

Eu quis fazer essa foto aqui com uma mulher negra que mora na favela, eu não sei, eu queria saber até a opinião da Melissa. Qual a diferença que teria assim de uma mulher branca atriz para uma mesma coisa de uma mulher negra moradora de uma favela no Rio de Janeiro?

MEL: Para mim hoje em dia ser mulher negra no Brasil é quase que uma obrigação de luta, porque nós estamos automaticamente abaixo de todos. É como uma lógica né que nos leva a ser o menor salário do Brasil, que nos leva a ter até as piores condições de vida, criar nossos filhos sozinhas. Então eu faço parte de coletivos de Cultura onde eu trabalho como atriz como mulher como Negra, como ativista. Até isso já é uma luta.

MEL: [canta]

ANA: Ta lindo, mexe no cabelo assim, lindo. Acho que deu gente. Muito obrigada, Mel.

MEL: Obrigada.

ANA: Parabéns, obrigada Benjamin.

MEL: Canta.

[escritório GURAN]

GURAN: Então Ana Carolina como é que você, uma mulher do

seu tempo, dialogou com aquela magnífica barriga da Leila Diniz, aquela foto memorável.

ANA: A questão que me interessava nessa releitura era o papel que a Leila Diniz representava e a voz que ela tinha em 1971, inclusive nos anos de chumbo chamados assim né. E quase 50 anos depois o que mudou. O que mudou na luta das mulheres, no papel delas dentro dessa sociedade machista e branca e elitista... E por todas essas questões eu optei por fotografar uma atriz, preta, linda jovem, como a Leila Diniz, que mora na favela e essa diferença social de preconceito, de liberdade.

GURAN: Vamos ver a foto?

ANA: Vamos ver a foto. E é interessante porque a Mel, ela escolheu morar na favela. O marido dela é nascido no Vidigal. Ela é gaúcha e ela escolheu vir morar no Rio de Janeiro.

GURAN: É uma atriz negra grávida gaúcha que você encontrou? Isso já é meio desafio resolvido.

ANA: Sim. Linda.

GURAN: Olha, é uma beleza de foto, essa textura, esse pano de fundo, esses quadradinhos, a saia com os quadradinhos dialogam com o pano de fundo. A barriga dela no mar, mas a cabeça no ar em pleno céu. Essa sacada excelente de puxar o cabelinho né isso aí realmente porta direto para foto da Leila. Vamos ver a foto da Leila? Então é o que eu te digo de fato as duas mãos, aliás a postura dos dois braços né.

ANA: Por ser uma releitura né ficou uma simetria entre entre os dois braços e as mãos. Eu não quis botar um chapéu, muito menos prender o cabelo da Mel porque o cabelo da mulher negra é uma identidade muito forte.

GURAN: Você incorporou toda uma discussão ideológica que marca a sociedade Brasileira hoje, que é o reconhecimento não só do fato da maioria da população brasileira ser negra, já no último censo, como também o reconhecimento dos valores do tipo de beleza que encerra o negro. Olha Ana Carolina parabéns viu.

ANA: Obrigada, querido, muito obrigada, foi um prazer.

GURAN: Obrigada você.



ANA: Foi uma honra participar.

GURAN: E você que está em casa, lembre-se, Instantes Cruzados sempre um novo desafio.